

**Amigos não se casam.**  
**Por Juliana Fernandes Gontijo.**

Jane ainda sentia falta de Roberto. Há quanto tempo ele se foi... deixando “marcas profundas”. Por quê? Se é que ele esteve junto por algum dia.

Os sonhos permaneciam constantes todas as semanas. Sempre Jane quis saber o que aconteceu entre os dois, porém jamais conversaram sobre o assunto. Com uma provável paixão arrebatadora, talvez nenhum dos dois tivesse a resposta.

Ela era do “tipo” bonitinha que não arrasava quarteirões e via o amigo como um homem sedutor, que levava qualquer mulher na “conversa”. Uma vez, ficou sabendo que Roberto “tomou um fora” de uma colega, mulher empoderada, na faculdade.

Desde que ele a abandonou pela primeira vez, há mais de 20 anos, Jane sentiu que nunca mais o teria de volta.

Repetidas vezes, ela se perguntava se teria sido abandonado por safadeza. Todas as suas amigas diziam que sim. No entanto, a moça nunca o teve de verdade...

Ela tentou, por muitas vezes, dar um basta nesta longa história. De amor? Isso mesmo, ela devia e precisa se acostumar com a nova situação.

“Roberto é um safado e amores vão e vêm”, diziam suas amigas.

A terapeuta falava mais forte:

“Esse cara não te serve, Jane.”

Outras inúmeras pessoas foram passando na vida dos dois. Umas ficaram, e a grande maioria, sumiu. Os dois permanecem “juntos”, mesmo separados.

“Por quê?”

As amigas da academia ficavam cheias das mesmas histórias de Jane, no entanto, escutavam as lamentações com “aquela” paciência.

“Amigo é para as alegrias e tristezas, na saúde e na doença, talvez igual ao casamento”, diziam as meninas em coro.

“Melhor não entender, Jane, o Roberto sempre teve destas coisas. Ele é incerto, você sabe disso”, dizia a terapeuta. “Pule fora!”

“E aquele beijo, Flávia? Aquela maldita fala que isso é para você esquecer aquele outro, porque não vale a pena. O vento não leva isso da minha cabeça.”

“Só você pode acabar com isso, certo? E já sabe o que deve fazer.”

Jane não conseguia entender o que viu em um cara tão normal, tão ordinário; que não fazia seu estilo, mas era encantador. Este seria o motivo de tamanha paixão, ou mero costume de gostar de um homem só pelo simples prazer de gostar, sem apego.

Ela passava horas do dia pensando naquele sujeito. E, na visão das amigas, ele nunca pareceu se importar da mesma forma que ela ou talvez até gostasse de Jane, mas não conseguia se expressar. Provavelmente, algum sentimento existia, mesmo que fosse pura atração, coisas de safadeza! Ora! Cada um tem a sua maneira de gostar.

“São muitas *idas e vindas*, Flávia! Por que de novo? Qual o motivo de me procurar outra vez?”

“Apenas capricho profissional, porque um amigo precisa de ajuda. Ele sabe que você não vai cobrar o serviço dele. Já pensou em cobrar pelas consultorias? É seu trabalho!”

“Quer saber? Mais dia, menos dia, eu reapareço também sem ele esperar. Ele sabe que não costumo fazer isso!”

E de repente, veio neles uma vontade diferente de se ver ou um desejo de se ouvirem ao telefone. Aquela vontade de dizer apenas “olá”.

Uns meses se passaram e, após uns dias de viagem da moça, Roberto disse à amiga, dando-lhe um forte abraço:

“Eu estava com saudades de você.”

Jane não acreditara no que ouvira. Ficaram juntos por muitas horas, parecia que não iriam se separar jamais.

“Como você mudou, Roberto. Está mais maduro, tão carinhoso, tão presente.”

“Acho que gente amadurece com a vida. Você também amadureceu.”

Ela “caiu na real” depois daquele dia juntos. Percebeu que tudo o que ele dizia era verdade. A sinceridade dele era a qualidade imbatível. O problema é que o rapaz nunca fora homem de uma mulher só.

“E por que eu nunca acredito no que você me diz, Roberto? Afinal não são alguns meses de convivência, mas longos anos de amizade sincera, pura, verdadeira.”

Os dois perceberam que eram amigos de verdade. Pode ser que jamais se amariam por completo, só o tempo iria dizer. E este tempo mostrou que os muitos tropeços da vida, e tudo o que lhes acontecera fez, apenas, com que a amizade se tornasse mais estreita, mais forte com o passar dos anos.

Jane entendeu que um bate-papo na calçada, na mesa de um boteco, ou no banco de uma praça era melhor que encontro apaixonado. Ela era feliz porque eles eram ótimos amigos, daqueles que poderiam passar décadas sem se ver, mas quando se viam era como se tivessem encontrado no dia anterior.

A moça preferia não entender o que Roberto sentia por ela. Porque a atração física, um dia, iria acabar. A amizade, porém, permaneceria. Ela é um amor que nunca morre.

.....

Alguns anos depois...

“Roberto, queria saber o que viu em mim, de novo? Fico sem entender o porquê disso tudo...”

A resposta foi a mais surpreendente que ela já ouviu:

“Não sei. E se a gente se casasse, Jane?”

A moça ficou muda e, vermelha, disse num ímpeto de ansiedade:

“Deus me livre!”

Os dois começaram a rir e se beijaram por longos minutos.

“E se a gente se ama de verdade e não sabe, Jane?”

“Que papo é esse agora, Roberto?”

“Ficamos nessas idas e vindas por tanto tempo. Um já conhece tanto o outro. Então, casamos e resolvemos o problema.”

“Que problema? E se a gente tomasse cada um o seu rumo?”

“A gente nunca vai se separar, Jane! Nunca! Aconteça o que acontecer. Casa comigo?”

“Nunca demos certo juntos, Roberto, você sabe disso!”

“Casa comigo!”

“Você nunca foi santo, Beto! Você tem um passado que condena...”

“Sua situação não é muito diferente, moça!”

“Isso nunca daria certo, porque amigos não se casam.”

“Somente o tempo poderá dizer, Jane!”

.....

E, por uma surpresa do destino, numa Ilha do Caribe, Roberto e Jane foram passar a lua-de-mel após 9 meses. Na tentativa de fazer manobras radicais numa prancha de surfe, o jovem recém-casado cometeu um erro e caiu no mar. O corpo jamais foi encontrado...